

São Paulo, 10 de outubro de 2021.

Prezada e Amada Cecilia Salles,

Em primeiro lugar, gostaria de te dizer que não pretendo fazer desta carta um tedioso exercício laudatório, em que tentarei entender a sementeira das suas ideias, da sua doçura, do seu rigor e da clarividência de suas pesquisas na minha vida como artista, pesquisador e, logicamente, como ser humano, embora devo confessar que não se trata de uma tarefa muito fácil, pois você é uma unanimidade no meio acadêmico e os riscos da entediante atmosfera panegírica estarão sempre à espreita neste texto, já se revelando em sua abertura.

No entanto, prometo tentar ao máximo, me inspirando na sua personalidade em que docilidade e rigor convivem em profunda harmonia, uma característica por vezes rara na fogueira de vaidades do mundo em que vivemos, incluindo logicamente as universidades, tudo hoje tão potencializado, de forma desmesurada, por um excesso de postagens autopromocionais e cabotinas nas redes sociais.

Mas, digressões à parte, meu grande objetivo nesta carta é te dar um retorno para tentar te mostrar como seus estudos se capilarizaram na minha vida, tornando o meu processo de criação como artista e como pesquisador muito mais rigoroso, reflexivo e talvez até mesmo clarividente, embora esse último adjetivo possa soar um pouco pretensioso, mas eu pelo menos tento, com todas as

minhas forças, dignificar a minha trajetória artística e de vida com a precisão e a sabedoria do seu olhar sobre o meu trabalho, uma preciosa parceria para mim.

Inicialmente, as cartas. Sempre escrevi textos endereçados aos montadores e montadoras dos filmes que venho realizando sem a menor pretensão ensaística, acadêmica e muito menos literária. O objetivo era e continua sendo simples: contaminá-los para o processo de construção do filme, destacar o que achei mais relevante no material bruto, esboçar uma primeira estrutura narrativa e ainda, de maneira mais astuta e velada, guiar o olhar e a audição de quem assiste a centenas de horas de filmagens, graças às facilidades das novas tecnologias digitais. Bem sei que não é pouco, mas não é tanto assim: uma carta endereçada a alguém para acompanhá-lo ao longo dos meses de montagem como uma fonte de consulta, digamos, conceitual, para o filme que está sendo construído.

Você e a pesquisadora Cristiane Wosniak (e também integrantes da Companhia Livre, que publicaram a carta de montagem do projeto fílmico *Cia.Livre 10 Anos* em livro comemorativo da primeira década do coletivo) me despertaram para o valor documentário dessas cartas como um registro importante de uma etapa estratégica do processo de realização de um filme, a montagem, além de terem visto nesses textos uma busca conceitual, dramatúrgica, um exercício de rigor através do qual eu tentava de algum modo me tornar um instrumento de precisão, como nos ensina o mestre francês Robert Bresson, também um esgarçamento das “redes de conexões” que guiam a construção de toda obra de arte,

sobretudo em linguagens com autorias explicitamente coletivas, como as artes do palco e o cinema, e ainda um documento que descortina uma fascinante errância artística pontuada por acertos e deslizos, achados e estagnações, irrupções de memória, experimentações, experiencições, hibridações de linguagens e tantas surpresas do inesperado em obras em processo, permanentemente em processo, em muitos momentos pensadas e fraturadas como arquiteturas do acaso, pedindo emprestada a definição do crítico de cinema Carlos Alberto Mattos para o filme documentário.

Desde que conheci você, Cecilia, nunca mais a escritura das minhas cartas de montagem foi a mesma. A aventura se tornou mais potente. Uma mudança para melhor, com uma preocupação maior não com a forma, mas com o rigor e a contextualização dos processos artísticos que estava vivendo e documentando. Os seus livros e as suas análises tornaram mais nítidas, por mais que sempre mutantes, as “redes de conexões” que eu estabelecia e continuo estabelecendo com outros artistas e pesquisadores: influências e referências indelévels na minha memória, relações com outros criadores em processos coletivos, também com as minhas próprias afinidades ou rejeições a uma concepção mais abrangente, histórica, de cultura que nos envolve e que por vezes nos asfixia; ainda caminhos para um certo desapego com relação a um mundo de essências epifânicas que rondam o imaginário de qualquer artista ou pesquisador, apontando na direção de uma processualidade permanente, sem medo ou pudores no que diz respeito a um certo “inacabamento”, em que uma polifonia de vozes revela

autorias múltiplas reverberando em cada criador, em cada ser humano, condenado a ser contemporâneo, mas também, por outro lado, atormentado por algum tipo de promessa de imortalidade em meio à fugacidade da vida de todos nós.

Você, Cecilia, foi se capilarizando no meu processo de criação com o diferencial de ser uma voz que traz uma aura de reflexividade, além de ter me ajudado a me legitimar diante de mim mesmo como artista e como pesquisador. Jamais vou me esquecer da chacoalhada que você me deu em uma das bancas de qualificação do doutorado direto na ECA-USP, me estimulando a assumir a minha própria metodologia crítica, que eu não via até então com nitidez, inspirada principalmente na minha experiência como jornalista e documentarista, ou seja: estudar a base teórica dos grupos de teatro que eu havia documentado e que estava estudando na academia para depois então fazer uma espécie de acareação teórica dessas referências com as dramaturgias dos espetáculos e logicamente com as encenações, como uma espécie de “exercício de alteridade” com relação aos romantismos e às militâncias das companhias teatrais com as quais trabalhei.

Antes de conhecer você, não tinha a menor ideia do que era crítica genética e muito menos de crítica de processo. Não sabia que de alguma maneira eu estava fazendo isso ao realizar documentários sobre os processos colaborativos dos grupos cênicos de São Paulo, os filmes em si como ensaios dessas redes de criação que desembocavam em espetáculos sempre em processo, a cada nova apresentação.

Cecilia, você, como pesquisadora, tem de certo modo alma de cineasta, ou talvez de fotógrafa. Com sua lente macro analítica, focaliza a memória, a percepção e os recursos da criação. Com lente grande angular, as macrorrelações do artista com a própria cultura.

Seu livro *Redes da Criação – Construção da Obra de Arte* foi para mim uma experiência “epifânica” para tudo que eu estava tentando entender do meu próprio processo de criação e também das obras colaborativas que eu investigava e analisava na academia após a realização de mais de 25 projetos de filmes documentários em parceria com diversos coletivos cênicos paulistanos, por mais que “epifania” seja uma palavra até certo ponto proscriita em tempos marcados pela cadência e pela textura da processualidade das criações artísticas, em que referências a “manifestações divinas” e a pensamentos idealistas em busca de “essências” e “genialidades” talvez possam parecer retrógradadas, mas, no fundo, o que quero dizer é que o seu livro foi uma espécie de revelação para mim.

Aprendi com você, Cecilia, a não ter medo do “inacabamento” como “resultado final” de uma obra e um trecho da página 21 de *Redes de Criação* passou a me habitar desde então: “O artista lida com sua obra em estado de contínuo inacabamento, o que é experienciado como insatisfação. No entanto, a incompletude traz consigo um valor dinâmico, na medida em que gera busca que se materializa nesse processo aproximativo, na construção de uma obra específica e na criação de outras obras, mais outras e mais outras. O objeto dito acabado pertence, portanto, a um processo inacabado. Não se trata de uma

desvalorização da obra entregue ao público, mas da dessacralização dessa final e única forma possível.”

Quando me pediram um texto sobre você, achei importante te devolver a semente da nossa troca, em meio a cartas, qualificações e banca final, lançamento de livro e convivência acadêmica, como a sua participação no curso que ministrei na ECA-USP sobre o meu projeto de pesquisa focalizando as dramaturgias dos grupos de teatro que documentei, orientado por Sílvia Fernandes, uma espécie de divisor de águas na minha vida.

São muitas as reverberações da sua obra e da nossa parceria que me acompanham desde que te conheci e te entrevistei durante a realização do documentário *Cia.Livre 10 Anos*, quando você me pediu para ter acesso às minhas cartas de montagem. Desde então, processos, acasos, um fascinante “universo de vagueza e imprecisão” passou a se esboçar para mim de uma maneira mais nítida e clara, por mais que sempre fugidia, nas minhas tentativas de frequentar a imponderabilidade inefável que me habita, procurando engendrar processos de construção de obras de arte, seja no cinema ou no teatro. A não linearidade do conceito de rede analisado por você me fez desnudar o meu próprio pensamento como artista, envolto em uma trama de conexões que se desdobra em novos processos relacionais, coletivos ou individuais, nas profundezas de mim mesmo com todas as referências seminais que fui coletando ao longo da vida, não importa: são “nós” de uma “rede” que entrelaçam memória e imaginação, como você destaca no já citado livro na página 72, resgatando o poeta

Mário Quintana, para quem a imaginação é a “memória que enlouquece”.

Cecilia Querida, sinto que estou fracassando nas minhas tentativas de fugir do laudatório, mas vou me deixar levar pela sinceridade que conduz o fluxo das minhas palavras. Preciso reconhecer e te dizer que você transformou a minha intuição em uma percepção mais consciente no que diz respeito à “textura semiótica” dos meus processos criativos, me despertando para as “tramas de linguagem que têm o poder de abrir frestas para o modo como o pensamento criativo se desenvolve e para maneiras como o conhecimento artístico é construído”, como você escreve e analisa na página 106 de *Redes da Criação*.

Essa sua constatação de que as tramas de linguagem conseguem abrir “frestas” na construção do pensamento criativo e do conhecimento artístico também foi seminal e transformadora para a minha atuação como pesquisador na academia, tentando entender e analisar as dramaturgias “fraturadas” da cena paulistana contemporânea, em que essas fissuras, em muitos momentos, se transformam em uma espécie de travessia para o que costumamos chamar de “real”, seja através de estratégias performativas, atuações na imponderabilidade do espaço urbano, dispositivos de interatividade com o público, diferentes maneiras de acessar às camadas profundas da memória dos integrantes do elenco que participam da criação colaborativa e ainda como uma forma de frequentar a processualidade da construção das obras após a estreia e durante as temporadas.

Foram essas estruturas dramatúrgicas vazadas, com aberturas ao frescor renovador de diferentes possibilidades de improvisação e às irrupções do “real” que procurei focalizar ao longo do doutorado, sempre com a sua doce presença ao meu lado e da minha orientadora adorada Sílvia Fernandes, como já destaquei. Seja como pesquisador na academia, seja como cineasta ou dramaturgo, a criação é para mim como uma errância direcionada, em que estamos sempre em estado de alerta, como nos ensina o mestre francês Robert Bresson: “Nada no inesperado que não seja secretamente esperado por você”, um dos aforismos do livro *Notas sobre o Cinematógrafo*.

Gostaria de finalizar essa carta com um trecho da página 149 de *Redes da Criação*, que muito me instigou e que me alimenta até hoje: “Observamos, em muitos momentos, que quando nos aproximamos de algum tipo de determinação, encontra-se dispersão, ou seja, quando encontramos alguns pontos de referência geográficos, históricos, culturais etc., deparamo-nos com novas ramificações das redes e enfrentamos mais determinação. As unicidades se dissipam. Esse caminho percorrido gerou algumas outras reflexões. No ambiente da criação, como rede complexa em permanente construção, e a partir desse olhar interno ao percurso da criação, como pensar em autoria?”.

Essa sua pergunta ao final de um momento conclusivo do seu livro continua ecoando em mim até hoje. Como pensar em autoria nas novas dramaturgias do teatro de grupo da cena paulistana contemporânea, em que, através de dispositivos como o chamado “processo

colaborativo”, se busca uma autoria coletiva de todos que participam da criação ao longo de anos de experimentações e experiências, principalmente os integrantes do elenco? Como pensar na minha própria autoria, a mais identificável, mas jamais dissociada das minhas referências, influências, diálogos e relações com outros artistas, pesquisadores, teóricos e vivências múltiplas que estão sempre me contaminando para novas criações, desde sempre. Interações que sustentam a rede, como você nos ensina.

Minha Querida e Amada Parceira, muito obrigado por tudo e por você existir na minha vida! Beijo imenso!

Evaldo Mocarzel